

*Auc*

# Parlamentares contestam classificação de tendência ideológica usada pela Folha

Da Redação da Folha

A classificação que a Folha vem usando desde o dia 19 de janeiro para designar as tendências ideológicas dos constituintes (direita, centro-direita, centro, centro-esquerda, esquerda) tem sido alvo de contestação por parte de parlamentares insatisfeitos com sua classificação e de políticos e observadores que a consideram incorreta e/ou descabida.

Apesar do grau de arbitrariedade de qualquer classificação, a usada pela Folha vem se mostrando útil para orientação dos leitores, objetivo a que se propunha. Na maior parte das vezes o voto e o posicionamento dos constituintes têm correspondido ao que se poderia esperar a partir de suas tendências ideológicas anteriores, mas o vaivém dos interesses fisiológicos e a lógica da luta pelo espaço político no Brasil também fazem pesar sobre as classificações uma sombra de dúvida. Políticos com passado recente "conservador" fazem política de centro-esquerda como se as posições anteriores não tivessem nenhum peso. Outros, de retórica e ação "progressista", atuam com desenvoltura no lado conservador. Além disso, o próprio conceito de centro, direita e esquerda (e suas gradações) é questionado a nível mundial. Muitos entendem que está em crise e pouco representa hoje em dia. A seguir, algumas opiniões sobre a classificação usada pela Folha:

espectro. O mesmo se pode dizer em relação a posturas mais sectárias ou menos sectárias".



**Guilherme Afif Domingos**, 43, deputado federal pelo PL-SP: "Os sinais estão trocados. Na verdade, conservador é quem quer conservar, e os conservadores no Brasil são os ditos progressistas, porque eles combinam o discurso do fascismo corporativista com o comunismo retrógrado da década de 50, que não tem aplicação nem mais na Rússia de Gorbachev. O verdadeiro progressista é o que adota o conceito do social-liberalismo, isto é, que defende o social como fim e busca a eficiência para alcançar esse fim. O indivíduo, na busca dos seus interesses devidamente motivados, faz pelo social muito mais do que o Estado diz que faz".



**Florestan Fernandes**, 66, sociólogo e deputado federal pelo PT-SP: "As expressões direita, esquerda e centro são representações simplistas da realidade. São porém usadas em todo o mundo. Poderíamos tentar identificar os parlamentares pelos partidos, mas o que significa dizer 'o peemedebista...'? O que é liberal no Brasil? É um disfarce de conservador ou de reacionário? Não temos em uso corrente no Brasil termos precisos, exatas representações da realidade política".



**André Franco Montoro**, 70, ex-governador de São Paulo: "Acho perfeitamente válida a classificação que a Folha adota. É evidente que a política não se confunde com a geometria e isto dá um caráter relativo e não rigoroso à classificação. Dentro das contingências e da complexidade do fato social e político, a classificação adotada pelo jornal me parece perfeitamente razoável".



**Nicolau Sevcenko**, 34, historiador, da equipe de articulistas da Folha: "Esta é a linguagem em voga no país. Ela seria mais útil se não estivesse em voga. Acho que o horizonte político seria mais largo se não se limitasse a essa classificação surgida entre os séculos 18 e 19, com a Revolução Francesa. O que a Folha faz é respeitar a linguagem política em uso".



**Francisco Weffort**, 50, sociólogo, professor titular de Ciência Política da USP: "A classificação adotada pela Folha é correta, embora necessite de algumas adaptações. É preciso, em primeiro lugar, definir previamente quais as questões pelas quais pode-se definir alguém de acordo com a sua posição política".



**D. Eugênio Sales**, 66, cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro: "Trata-se de uma rotulação preconceituosa, que reflete mais a mentalidade de quem escreve. Sou, frequentemente, vítima de rótulos que, se não forem cuidadosamente postos, ofendem a verdade e criam no próprio leitor uma imagem diversa de realidade".



**Roberto Campos**, 70, senador pelo PDS-MT: "As expressões direita e esquerda, já dizia Ortega y Gasset, são uma forma de hemiplegia mental. O que para mim existe são os partidários da economia de mercado e os partidários da economia controlada. No plano político, os partidários da economia de mercado são os verdadeiros liberais, e os partidários da economia controlada são os falsos liberais, porque não se dão conta de que a liberdade econômica é uma condição necessária, ainda que não suficiente, da liberdade política. Eu sou liberal, privatista e partidário da economia de mercado. Para mim, a diferença é entre os liberais e os xiitas".



**Fernando Henrique Cardoso**, 56, senador pelo PMDB-SP e líder do partido no Senado: "Como categorias gerais, sim (as classificações adotadas pela Folha são aplicáveis ao espectro político brasileiro). Entretanto, é preciso ver que no caso do Brasil não existem partidos organizados a partir de doutrinas consistentes. A mesma pessoa muitas vezes assume uma posição diferente conforme a questão em jogo. Portanto, existe sempre uma dose de arbitrariedade na classificação genérica".



**Delfim Netto**, 59, deputado federal pelo PDS-SP: "Acho que na realidade brasileira existem os xiitas e liberais. Eu sou liberal e o resto é xiita. Os que se acham a si mesmos 'progressistas' certamente estão defendendo a reação — a estabilidade no emprego, as quarenta horas semanais, desrespeito à propriedade, condições irracionais ao capital estrangeiro. Acreditam que o Estado tem poderes divinos (são estatocratas) e estão mais próximos dos fascistas do que da esquerda a que supõem pertencer. Os liberais defendem livre negociação entre patrões e empregados, sindicatos múltiplos, seguro-desemprego etc".



**José Serra**, 45, deputado federal pelo PMDB-SP: "Grosso modo, acho que sim (que as classificações adotadas pela Folha são aplicáveis ao espectro político brasileiro), mas são insuficientes, porque muitas vezes se tem visões mais arcaicas e mais modernas, independentemente da posição que apresentam nesse